

editorial  
editorial

entrevista  
interview

ágora  
agora

tapete  
carpet

artigo nomads  
nomads paper

projetos  
projects

expediente  
credits

próxima v!rus  
next v!rus

**V!19**

issn 2175-974x | ano 2019 year

semestre 02 semester



**Ricardo Trevisan** é Arquiteto e Urbanista e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, com Pós-doutorado na Columbia University . É Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Nacional de Brasília, onde é pesquisador dos grupos de pesquisa "Paisagem, Projeto e Planejamento - Labeurbe" e "Arquitetura e Urbanismo da Região de Brasília". Coordenador local do projeto "Cronologia do Pensamento Urbanístico", com o projeto "Cidades Novas: Pensar por Atlas".

Como citar esse texto: TREVISAN, R. Atlas, uma aposta e o dispositivo-atlas. **V!RUS**, São Carlos, n. 19, 2019. [online]. Disponível em: <[http://www.nomads.usp.br/virus/\\_virus19/?sec=4&item=7&lang=pt](http://www.nomads.usp.br/virus/_virus19/?sec=4&item=7&lang=pt)>. Acesso em: 13 Dez. 2019.

ARTIGO SUBMETIDO EM 18 DE AGOSTO DE 2019

## Resumo

O que é atlas? Um titã mitológico? Uma coletânea de imagens e mapas acompanhados de textos elucidativos? O presente trabalho, além de conceituar o que vem a ser atlas, vem reposicionar sua função, retirando-o da categoria de "objeto-produto" meramente consultivo, para colocá-lo como um instrumento interativo, um método operativo e colaborativo do conhecimento, a fim de contribuir com o debate sobre a construção da informação. Ao questionar o atlas como um material exploratório limitado, constituído por dados selecionados a priori por seus elaboradores, o novo atlas apresenta-se como um instrumento de análise, percepção, troca e formulação epistemológica. Trata-se de um atlas em que distintos arranjos – ou "nebulosas" – façam-se capturados, decifrados, associados e registrados. Neste sentido, pensar e fazer por atlas, mais que uma relação unidirecional, estabelece uma interação pela qual seu leitor assume o papel de criador, de protagonista na geração de novos olhares, novas narrativas sobre determinado objeto. Referenciado no trabalho emblemático de Aby Warburg, o *Atlas Mnemosyne* (1927-1929), e nas interpretações do historiador e filósofo Georges Didi-Huberman, o texto pretende apontar como o pensamento criativo e o uso interativo de uma plataforma digital – portal *Atlas de Cidades Novas* (protótipo)<sup>1</sup> – podem ser formulados, ensaiados e replicados por outros estudiosos, pesquisadores, gestores e interessados na produção de informação e conhecimento.

**Palavras-chave:** Aby Warburg, Atlas, Plataforma digital, Metodologia, Criatividade

Desviar-se do convencional, guinar ao desconhecido, dirigir-se ao inusitado são os percursos deliberadamente assumidos neste artigo, no intuito de revisitar e contribuir para uma melhor compreensão e utilização de obras aglutinadoras de excertos seletos, aquelas classificadas como Catálogo, Coletânea, Enciclopédia, Atlas, entre outros. Trata-se de uma inflexão epistemológica originada de uma inquietude pessoal. A partir da pesquisa “Atlas de Cidades Novas no Brasil Republicano” (CNPq), desenvolvida junto ao grupo Paisagem, Projeto, Planejamento – Labeurbe, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (FAU-UnB), buscou-se, em determinado momento do processo, responder à questão: “O que é um atlas?”. Para além de reunir casos e dados da tipologia urbanística Cidades Novas<sup>2</sup>, num panorama atual de 270 exemplares implementados no país entre 1889 e 2019, coube à pesquisa aprofundar teoricamente o conceito e a aplicabilidade do atlas. Nesse sentido, optou-se por desviar-se deste como “objeto-produto”, guinar ao aleatório, ficar à mercê do dispositivo-atlas através de ações que, como este artigo demonstrará, abriram novas portas, novas possibilidades.

Peça-chave para tal deslocamento foi a obra *Atlas Mnemosyne*, ou *Bilderatlas*, ou *Atlas de Imagens*, do filósofo e historiador alemão Aby Warburg (1866-1929)<sup>3</sup>, elaborada entre 1927 e 1929. O projeto *Mnemosyne* objetivava capturar “ondas mnêmicas” do passado a partir de fórmulas visuais expostas em painéis, em que montagens por imagens serviriam ao observador para tecer relações, estruturar nós de significados e criar novas narrativas. Trata-se de um meio de identificar os mecanismos de transmissão cultural, conforme sustentou seu criador, isto é, ferramenta que permite certa distância para a reflexão, em que a memória auxilia a conectar as coisas ao nosso pensamento, como apontam José Emilio Burucúa e Nicolás Kwiatkowski:

A distância pode ser entendida num sentido espacial – nos afastamos de um objeto para vê-lo, descrevê-lo e representá-lo melhor – ou num sentido temporal – o que nos dá memória, muitas vezes imprecisa ou contraditória, e a análise e julgamento científico da história. Nós, humanos, estabelecemos vários limites de distância ao longo de nossa evolução. O mais amplo corresponde à tecnologia e à ciência modernas. O mais curto, à magia. Entre ambos ficariam as religiões e os saberes analógicos. Nossos ancestrais do Paleolítico criaram tanto o limite tecnológico quanto o limite mágico. O primeiro levou-os a produzir o arco e a flecha, a criar animais e, por fim, a cultivar a terra. O segundo garantiu-lhes a recuperação do equilíbrio psíquico e social diante da morte e da calamidade. Neste ponto, com relação ao fim da vida, as pessoas modernas preservaram o limiar da magia em uma expressão mínima, necessária e reparadora. O paradoxo é que, no estado atual de nossa tecnologia das comunicações e da imediatez, corremos o risco de que qualquer distância entre o mundo e nós seja abolida. Ignoramos o que poderíamos nos transformar diante deste fenômeno. (BURUCÚA; KWIATKOWSKI, 2019, p. 12, tradução nossa).<sup>4</sup>

Precisamos, portanto, recorrer a tal distanciamento de nossos objetos e, pelo espaço e pelo tempo, pela tecnologia e pela magia, lê-los, interpretá-los e deles produzir conhecimento a partir do novo, do improvisado, do inusitado, do inesperado. Para que não haja risco pela falta de “limites” entre pesquisador e seu objeto de pesquisa – numa proximidade ofuscante – frente à velocidade e à quantidade de informações, o atlas warburguiano se apresenta como uma alternativa possível. Como define a professora e pesquisadora Paola Berenstein Jacques, em tese,

O Atlas warburguiano é um “objeto anacrônico” [...], um objeto visual mutante, composto basicamente por imagens diferentes e detalhes de imagens ou recortes variados, sempre intercambiáveis, mutáveis. A própria forma de Atlas, que “carrega” mapas diversos como o titã carregava o globo nas costas, já pressupõe um tipo de montagem visual ou, como diz Didi-Huberman, uma “forma visual de conhecimento”. O Atlas seria também uma forma de pensar por deslocamentos, um modo de pensar por associações, por pluralidades, por constelações, por nebulosas, por montagens de heterogeneidades, por “afinidades eletivas” como diria Goethe, ou ainda, como diz Leopoldo Waizborg (2015), organizador de uma antologia em português de textos de Warburg, por “imagens consteladas e montagens”. (JACQUES, 2018a, p. 59).

O atlas warburguiano surge assim como um aporte metodológico para estabelecer uma maneira alternativa de olhar nossos objetos e deles extrairmos novas informações, compreensões, narrativas. Ao encarar nosso repositório de interesse, quaisquer que sejam as peças que o compõem, tal meio torna-se importante ferramenta de leitura e feitura. Remete-nos, assim, a uma “construção da informação” renovada, a um campo exploratório pelo qual outras percepções, opiniões e visões sobre determinado objeto poderão ser produzidas de modo coletivo e colaborativo, sendo democraticamente acessado e difundido – um novo posicionamento da pesquisa científica.

Para melhor compreender essa obra seminal e poder reverberá-la em aplicações contemporâneas, o presente trabalho estrutura-se em três partes sequenciais. Envereda-se em “2. Atlas” por um arcabouço de fontes bibliográficas, pelas quais podemos qualificar um objeto e como ele é correntemente constituído e utilizado. Na sequência, em “3. Uma Aposto”, com o objetivo de qualificar um sentido particular ao objeto atlas, recorre-se à obra do historiador alemão especialmente pelo olhar interpretativo do filósofo e historiador francês Georges Didi-Huberman e pelas construções teórico-metodológicas da arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques, definindo uma nova possibilidade. E, por fim, em “4. O Dispositivo-Atlas”, mostram-se o manuseio e o uso de um instrumento específico para um novo atlas interativo e potencializador de conhecimento, tal qual direciona o portal *Cronologia do Pensamento Urbanístico*<sup>5</sup>. Cabe ressaltar ainda que o *modus operandi* adotado para descrever o entendimento e a aplicabilidade desse universo ocorre ao final de cada parte, quando é exposto um protótipo sobre a operacionalização de uma plataforma digital, o portal *Atlas de Cidades Novas*.

## 2 Atlas

O corpo enorme de Atlas transformou-se em pedra. Sua barba e seus cabelos tornaram-se florestas, os braços e ombros, rochedos, a cabeça, um cume e os ossos, as rochas. Cada parte aumentou de volume até se tornar uma montanha e (assim quiseram os deuses) o céu, com todas as suas estrelas, se apóia em seus ombros. Thomas Bulfinch, O livro de ouro da mitologia, 1999, p. 145

A origem de Atlas nos remete à mitologia grega e às suas fábulas heróicas ou enredos tramados por deuses, semideuses, criaturas, titãs, como Atlas, aquele condenado a sustentar o globo e os céus em seus ombros, como punição por enfrentar os deuses. Suas feições geológicas e sua força descomunal são reconhecidas mundialmente – de “um oceano (Atlântico), a uma cordilheira (Atlas, no norte da África), a uma coluna arquitetônica antropomórfica (Atlante), a uma cidade-ilha subaquática lendária (Atlântida)” (JACQUES, 2018a, p. 56). Igualmente, por toda sua abrangência, tornou-se um sábio, “um grande conhecedor da geografia do mundo e dos céus, precursor de geógrafos e astrônomos, [...] um gênero epistêmico do campo da cartografia (Atlas)” (*Idem*, p. 56).

O atlas como uma coleção, tal qual o conhecemos atualmente, remete-nos ao Renascimento, quando Gerardus Mercator (1512-1594), no século XVI, usou a figura simbólica do titã como capa de seus livros de mapas (NEW ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, 1985). Essa coletânea de imagens, gráficos e ensaios tornou-se recorrente durante o enciclopedismo das Luzes, reunindo informações de um determinado assunto – fronteiras, clima, mares e rios, economia, geologia, população, etc. –, a partir de diferentes panoramas, do particular ao genérico, do local ao global, ou vice-versa. Um gênero ilustrativo e instrutivo, uma “forma visual de conhecimento”, geralmente de agradável leitura, “cujo propósito é oferecer aos nossos olhos, de modo sistemático ou problemático – incluindo o poético com risco a erros [...] –, toda uma multiplicidade de coisas ali reunidas por afinidades eletivas.” (DIDI-HUBERMAN, 2010, vídeo, tradução nossa). Um gênero científico que ganhou espaço em diversas áreas, como nas ciências da vida e seus infundáveis atlas de medicina, psicologia, biologia etc., e até por outras disciplinas. No Urbanismo, área de nosso interesse, identificamos algumas produções e seus usos.

O antológico *Atlante di Storia dell'Urbanistica* (1963), de Mario Morini, contempla planos urbanísticos, edifícios emblemáticos e personagens de destaque na produção do espaço urbano, desde o Egito Antigo até as teorias de Howard e Tony Garnier – um atlas como manifesto urbanístico. As recentes e curiosas obras *Atlas of lost cities*, do francês Aude de Tocqueville (2016), e *Atlas of improbable places*, dos ingleses Travis Elborough e Alan Horsfield (2016), trazem localidades não habituais ao senso comum, revelando, no diferente, no esquecido, um campo rico a ser explorado. Como elo entre ambas as obras, a referência ao célebre *Le città invisibili*, de Italo Calvino (1972) – dueto de atlas excêntrico, lúdico e divagante. O pretensioso trabalho *Atlas of Cities*, de Paul Knox (2016), no qual se verificam quatro funções fundamentais nas cidades e estipulam-se 13 tipos de assentamentos, pelos quais o autor buscou retratar o universo urbano contemporâneo nos cinco continentes – um atlas radiográfico parcial de nossas urbes. A trilogia de atlas organizada por Rebecca Solnit e Jelly-Schapiro (2016), o *Nonstop Metropolis*, que aborda três metrópoles norte-americanas – São Francisco, Nova Orleans e Nova York – a partir de experiências etnográficas e culturais, de mapas imagéticos e ensaios informativos, ou seja, o lado B das cidades que não se encontra em guias tradicionais de turismo ou aplicativos similares – uma tríade atlante alternativa e instigante. A obra referencial *Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial*, do professor Nestor Goulart Reis Filho (2000), que, mesmo sem a palavra “atlas” no título, é um catálogo iconográfico e cartográfico de amplitude sobre cidades, vilas, povoações e aldeias brasileiras dos séculos XVI ao XVIII – um atlas sobre a nossa ancestralidade urbana. E, nessa mesma temática, tem-se a produção do *Atlas Histórico da América Lusa*, dos professores e historiadores da Universidade Nacional de Brasília, Tiago Gil e Leonardo Barleta (2016): uma coletânea riquíssima de informações sobre cidades, vilas, freguesias, povoados e mesmo tabas indígenas existentes no território sul-americano quando sob o domínio português. Uma obra que transpassa a materialidade de seu exemplar físico

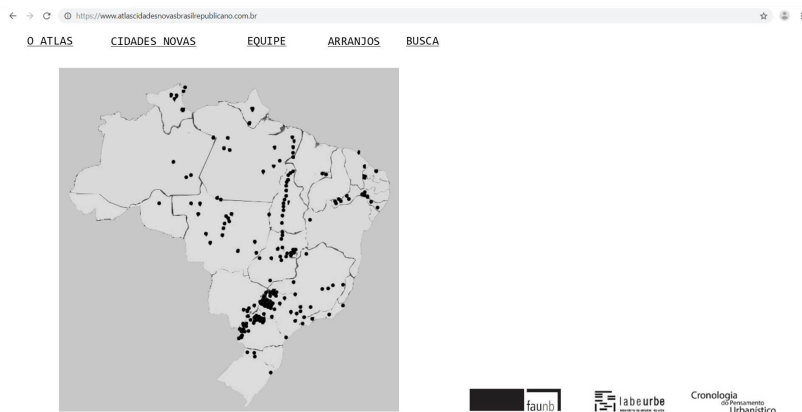
e ganha consistência e alcance público em sua versão virtual – um atlas histórico interativo, sinal dos novos tempos.

Todavia, identifica-se em tais exemplares, à exceção da versão digital do *Atlas Histórico da América Lusa*, uma limitação de manuseio e uso. Embora se confirmem, na essência, como uma coletânea sobre um determinado tema, o modo estanque, imóvel, fixo pelo qual seus objetos, imagens e dados são apresentados, seguindo uma organização dada a priori pelo autor, restringe a interatividade entre o usuário e a obra. O *modus operandi* é pré-determinado, cabendo ao leitor pouca margem de manobra. O atlas adquire, portanto, os moldes daquilo que resolvi denominar de “objeto-produto”.

Essa característica limitadora esteve, de certo modo, presente na versão preliminar da plataforma digital *Atlas de Cidades Novas*, aqui apresentada como exemplo, modelo. Nesta versão, a partir da página inicial (Figura 1), tem-se, na barra superior, cinco teclas operativas: 1) “O Atlas” – conceituação e esclarecimentos sobre a pesquisa; 2) “Cidades Novas” – definição sobre essa tipologia urbanística<sup>6</sup>; 3) “Equipe” – informações sobre os pesquisadores participantes; 4) “Arranjos” – combinações direcionadas propostas pelo usuário; e 5) “Busca” – recurso para procura direta. Nessa página, consta, ainda, o ícone principal (figura) pelo qual se tem acesso ao mapa do Brasil, pontuado por cidades novas (Figura 2).



**Fig. 1:** Página inicial do website *Atlas de Cidades Novas* (protótipo). Fonte: Autor, 2019.



**Fig. 2:** Acesso ao mapa do Brasil com cidades novas – 1889-2019 (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

Tal mapa funciona igualmente como um mecanismo de busca, pelo qual um cursor indica o nome da cidade nova. Ao clicar em um ponto, uma cidade, como Tangará da Serra, no Mato Grosso, abre-se uma imagem: o mapa com as delimitações originais do plano urbanístico da cidade nova em sua fundação, desconsiderando a sua expansão (Figura 3). A exemplo do estudo feito por Divorine, Gendré, Lavergne e Panerai (1985) sobre as bastides francesas, a intenção é ter uma compreensão sobre o traçado projetado de cada cidade nova. Para cada cidade, quando desejado, um quadro com os seis atributos – os seis genes da cidade nova – se abre, contendo informações básicas: empreendedor, função dominante, região, projetista, filiação teórica e data do projeto (Figura 4). Também consta na tela um *link* para o verbete no website da *Cronologia do Pensamento Urbanístico*.





**Fig. 6:** Dispositivo "Arranjos" é um filtro (certamente válido!), porém sem os aspectos pertinentes ao pensar e fazer por atlas (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

Desse modo, após avaliação inicial, buscou-se o distanciamento do atlas enquanto um simples arquivo, de posição estática, ao bel-prazer de seu usuário, uma obra física com organização pré-determinada e com pouca ou nenhuma interatividade. Esse era o tipo de atlas que não se queria para a pesquisa. Por isso, diante desse cenário, fez-se necessário compreender melhor o atlas de Aby Warburg, entender suas atribuições, seus significados, sua aplicação. Obra-prima inacabada, o atlas warburgiano possibilitou repensar o modo de pensar e fazer a história.

### 3 Uma aposta

O primeiro contato com o projeto *Mnemosyne* foi pela obra *Memory, Metaphor, and Aby Warburg's Atlas of Images*, de Christopher D. Johnson (2012). O atlas de Aby Warburg foge à regra ao trazer, não um atlas, um "objeto-produto" encerrado em si mesmo, mas um modo de pensar e fazer por. Um método em que o espectador é o sujeito que irá conectar as relações existentes entre as imagens. Nesse sentido, o pensamento do filósofo e historiador francês Georges Didi-Huberman foi essencial para melhor compreender o atlas warburgiano. E o ponto de partida foi assistir à sua entrevista enquanto curador da exposição "ATLAS: ¿Cómo llevar el mundo as cuestras?" (2010), realizada pelo Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía, em Madri.

Nessa entrevista, Didi-Huberman suscitou alguns preceitos que se aproximam do visionado para o *Atlas de Cidades Novas*. Em uma das passagens, afirma:

Atlas é uma forma de conhecimento visual. Atlas é uma apresentação sinóptica de diferenças: vê-se uma coisa e outra completamente distinta colocada ao seu lado. O atlas é uma ferramenta muito mais visual do que pode sê-lo qualquer arquivo; é um trabalho de montagens em que se unem tempos distintos; é um choque. (DIDI-HUBERMAN, 2010, vídeo, tradução nossa).

Justamente, o atlas warburgiano traz em si a possibilidade de impactos e confrontações proporcionados por nexos entre imagens diferentes, não pela similaridade e nem pela coexistência em um mesmo tempo, mas por conexões obscuras, até então inimagináveis, e pela sobreposição de tempos distintos. Nesse sentido, a exposição realizada, em 2010, na capital espanhola, teve como propósito aproximar esse modo de associação a produções de artistas dos séculos XX e XXI, tendo a história da imaginação como enredo principal. Ao se percorrer a exposição, não se tinha uma única narrativa, mas tantas quantas possíveis de serem estabelecidas.

Portanto, distintamente da concepção limitada que se tinha ao início da pesquisa, o atlas warburgiano sacudiu a nossa percepção sobre o objeto, aproximando-o dos métodos explorados no projeto da *Cronologia do Pensamento Urbanístico*. Uma aposta científica! O atlas warburgiano objetiva possibilitar narrativas. Para além de um trabalho de síntese, o novo atlas é, antes de mais nada, um *working process*, um meio, um processo em constante realização feito sobre uma mesa, um suporte, em que arranjos, montagens e colocações são estabelecidos conforme os objetos disponibilizados. Como resultado, sempre leituras distintas. Assim, o atlas passou a ser encarado não mais como um "objeto-produto", mas como um meio, uma ferramenta, um modo de ver e compreender – um "dispositivo-motriz".

Algo melhor depurado pela leitura de *Atlas ou Gaia, a ciência inquieta*, de Didi-Huberman (2013), um livro em que o filósofo irá esmiuçar e interpretar o trabalho de Aby Warburg à luz de outros pensadores, um conteúdo que permitiu romper com as ideias iniciais pretendidas para o projeto *Atlas de Cidades Novas*, visionando novas possibilidades e tendo mais claros os rumos a serem seguidos. Ao buscar interpretar a obra inacabada

de Aby Warburg, Didi-Huberman nos contempla com algumas ponderações, definições e caracterizações, insumos a partir dos quais intentamos estruturar uma possível definição funcional para atlas.

Segundo Didi-Huberman (2013), a leitura e o uso de um atlas se dá por dois modos: ou objetivamente (ao se procurar uma informação precisa), ou erráticamente, por divagação, sem intenção (ao se deixar devanear por suas páginas). Nesse sentido, compara o atlas a uma mina explosiva composta pela soma entre a estética e o saber. O atlas é, ao mesmo tempo, uma “forma visual do saber” – paradigma estético – e uma “forma sábia do ver” – paradigma epistêmico –, embarçando quaisquer limites de inteligibilidade. Desse somatório entre a estética e o saber, o atlas surge como um método sem limites, sem certezas pré-estabelecidas.

Atlas torna-se, assim, um instrumento, uma ferramenta de abertura a possibilidades ainda não experimentadas, cuja força-motriz é a imaginação. O atlas proporciona a obtenção do conhecimento pela imaginação presente no conhecimento transversal, no processo de montagem, desmontagem e remontagem. O atlas não é, portanto, um simples arquivo – ou, como aponta Jacques (2018b), em *Pensar por Montagens*, uma “simples metodologia operacional”. O atlas é, sim, uma ferramenta, um processar.

Tratar-se-ia de um tipo de “testamento metodológico” de Warburg, que até hoje parece assombrar as formas mais tradicionais e hegemônicas de se pensar a história – em particular, a história da arte –, ao questionar, sobretudo, as relações mais simplistas entre memória e história, entre Mnemosyne e Clio. (JACQUES, 2018a, p. 58).

Uma ferramenta a se configurar como um suporte de encontros – como uma mesa, uma “mesa de oferenda, mesa de cozinha, de dissecação ou de montagem” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 17). Uma ferramenta anacrônica ao admitir e trabalhar tempos heterogêneos. Uma ferramenta potencializadora de se ver e ler o tempo. Uma ferramenta com regra própria: o “princípio-atlas”, o princípio da efemeridade, do provisório, do passageiro. Desse provisional, surgem dois caminhos de leituras possíveis: uma denotativa (em busca de mensagens) e outra conotativa (em busca de montagens). O atlas pode ser compreendido, em suma, não somente como uma ferramenta, mas como um aparelho de leitura, uma máquina de saber, um dispositivo de contemplação.

Portanto, o atlas warburgiano inventou uma maneira de dispor as imagens entre si e inaugurou um novo gênero do saber: a aposta – um modo de reler o mundo por narrativas antes despercebidas ou inimagináveis. Um modo de reler o mundo, sobretudo porque o atlas warburgiano tem um caráter permutável de configurar seus objetos, suas imagens. Para Warburg, o pensamento é uma matéria de forEm síntese, o atlas warburgiano é um objeto que se lê e se usa de modo objetivo ou errático, tensionado por paradigmas estéticos e empíricos, cujos limites de compreensão nem sempre são claros: um dispositivo movido pela imaginação, cuja base de suporte é uma mesa; um dispositivo concomitantemente negligente e potencializador do tempo; um dispositivo regrado pelo aleatório, pelo improvisado; um dispositivo de leitura de caráter permutável, com características de uma máquina do saber e de contemplação. Ou seja, um modo novo de relacionar imagens, uma maneira de reler o mundo.



**Fig. 7:** Acréscimo ao *website* de um processo randômico. Imagem ilustrativa (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

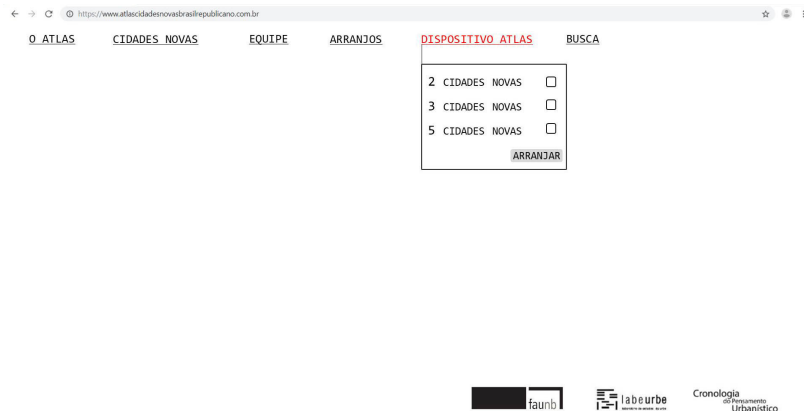
Ao rebater tais leituras na pesquisa de cidades novas, o novo atlas seria o suporte às imagens, às cidades novas e seus atributos e, de modo inovativo, à criação de amálgamas. Distintamente de arranjos pré-concebidos, um novo dispositivo – tecla – deveria ofertar o aleatório, o errático, a aposta. Nesse sentido, tal qual uma máquina de caça-níquel (Figura 7), os nossos objetos deveriam ser alinhados por randomização, realizada por sistema algorítmico<sup>7</sup> a ser gerido pelo sistema operacional do *website* (tecnologia da informação).

Na nova versão, o novo dispositivo traz um *plus* ao funcionamento do portal *Atlas de Cidades Novas*, possibilitando ao usuário atentar para e/ou criar tantas narrativas quantas possíveis. Histórias que narrem, para além daquelas intencionadas no dispositivo “Arranjos”, a origem do projeto, as personagens envolvidas, a construção dessas cidades; histórias que permitam uma melhor compreensão do processo de urbanização e do urbanismo no século XX em nosso país; histórias que tragam algo de novo ao já posto.

No entanto, efetivamente, como seria e funcionaria este artifício?

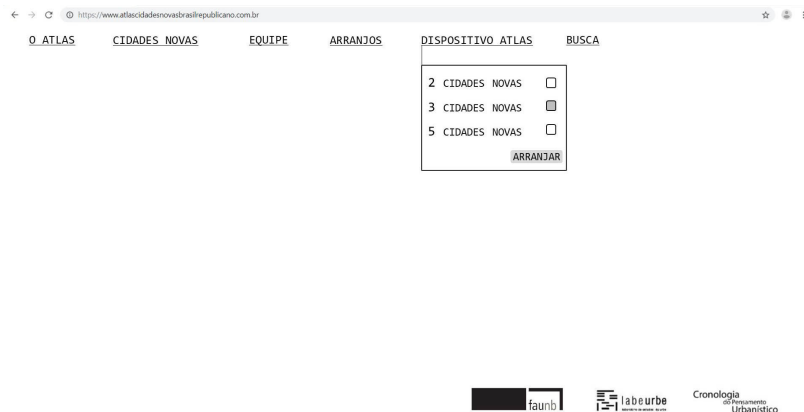
#### 4 O dispositivo-atlas

Ao rompermos com a ideia de atlas como “objeto-produto” (um catálogo), qualificando-o como um “dispositivo-motriz” (um instrumento), cabe agora revelar a aplicabilidade desse modo de pensar por, isto é, pensar objetiva ou erraticamente por caminhos em brumas; pensar pela imaginação de modo aleatório ou improvisado; pensar por tempos distintos; pensar nosso objeto em função de outros a fim de dispô-los em tela e relacioná-los a partir de um novo olhar... tudo reunido numa única tecla operativa: o “Dispositivo-Atlas” (Figura 8). A partir dela, a flexibilidade presente no atlas warburgiano, possibilitando ao usuário um novo percurso, uma nova experiência.



**Fig. 8:** Acréscimo do “Dispositivo-Atlas”, com três opções de arranjo (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

A partir do dispositivo, o interessado pode selecionar uma das três opções disponíveis: 2, 3 ou 5 cidades novas a serem randomizadas, arranjadas. No caso exemplificado, optou-se por 3 cidades novas (Figura 9).



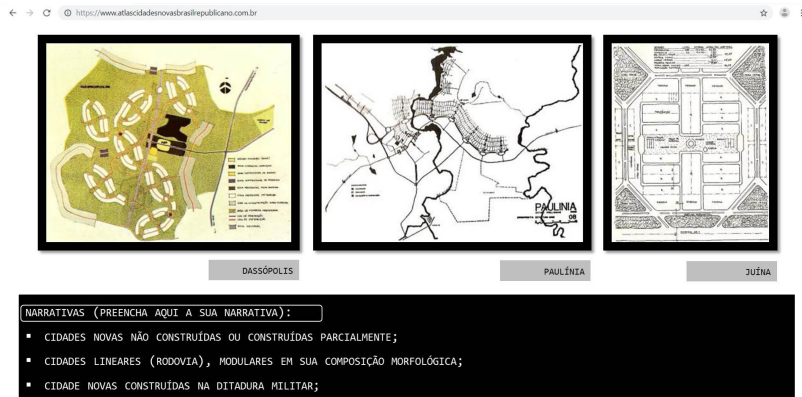
**Fig. 9:** Seleção de uma opção para arranjo aleatório (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

Após a randomização (Figura 10), o sistema oferece ao usuário, de modo aleatório, três cidades novas contidas em seu arquivo (Figura 11), a partir das quais se podem obter dados biográficos de cada caso e, com eles, construir possíveis narrativas – o fazer por atlas. Cabe ao internauta acessar tais informações a partir da imagem de cada cidade e, com seu repertório pessoal, estabelecer links, nexos, aproximações, correlações, impressões, distorções, rupturas, discrepâncias diante do que está exposto sobre a “mesa”. Há, na mesma tela, um campo para a redação do texto narrativo. Assim, nessa constelação, as mais distintas formas vaporosas podem ser captadas, registradas e decifradas.





**Fig. 10:** Acionamento do sistema randômico, algorítmico. Imagem ilustrativa (protótipo). Fonte: Autor, 2019.



**Fig. 11:** Apresentação de arranjo com três cidades novas (com dados acessíveis ao clicar em cada imagem), pelo qual o usuário pode redigir suas observações no quadro-negro (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

Com as narrativas elaboradas, cabe aos moderadores do portal verificar tais textos e divulgá-los na página inicial do website (Figura 12). Os textos ficam à disposição do público, assim como é possível acessar as narrativas sobre determinada cidade nova – caso já tenham sido feitas – a partir do dispositivo “Busca”, permitindo maior compreensão sobre o exemplar. Desse modo, o sistema fica completo, com o atlas adquirindo sua função por completo: ser, simultaneamente, um objeto de busca e informativo, um instrumento interativo e impulsionador de conhecimento.



**Fig. 12:** Página inicial do portal Atlas de Cidades Novas com narrativas criadas a partir do “Dispositivo-Atlas” (protótipo). Fonte: Autor, 2019.

O *website* – ou a mesa – *Atlas de Cidades Novas* não será utilizado para estabelecer uma classificação definitiva, um inventário exaustivo, nem para catalogar de uma vez por todas – como um dicionário, um arquivo, uma enciclopédia, um atlas convencional – os casos de uma tipologia. Mas será formulado para coletar segmentos, pedaços e parcelas do universo das cidades novas, respeitando a multiplicidade, a heterogeneidade, com o propósito de dar legibilidade às relações postas em evidência (nebulosas). Uma mesa para jogarmos o jogo, como descreve Didi-Huberman, na qual poderemos:

Baralhar e distribuir as cartas, desmontar e remontar a ordem das imagens numa mesa para criar configurações heurísticas “quase adivinhas”, ou seja, capazes de entrever o trabalho do tempo sobre o mundo visível: esta seria a sequência

operatória de base para qualquer prática a que aqui chamamos atlas. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 55).

O entendimento do atlas como um meio – e não um fim – leva-nos a um trabalho de “história natural infinita”, um “atlas do impossível”, pelo qual se pretende recolher os casos de cidades novas originários no Brasil a partir de 1889 e, com eles, estabelecer debates, narrativas e encaminhamentos sem fim, sem ponto final, sem encerramento. Como catadores de cidades novas e seus atributos, daremos luz a informações não encontradas na historiografia urbana brasileira. Pretendemos criar condições para “reconfigurar a ordem dos lugares” (DIDI-HUBERMAN, 2010, vídeo), em que não há um único modo de se contar a história das cidades novas no Brasil. Fazer um atlas é reconfigurar o espaço, redistribuí-lo, desorientá-lo. Montar um *Atlas de Cidades Novas* é possibilitar a releitura do urbanismo e da urbanização brasileira a partir de, no mínimo, 270 exemplares já encontrados.

## 5 Considerações finais: um modelo replicável

O pesquisador Albert von Szent-Györgyi Nagyrápolt (1893-1986), ganhador do Prêmio Nobel de Fisiologia em 1937, escreveu, certa vez, que a criatividade consiste em ver o que todo mundo vê e pensar o que ninguém ainda pensou. O pensamento criativo, tão em evidência nos últimos anos, trata justamente de encontrar soluções alternativas diante de novos problemas ou desafios. Os defensores do pensamento criativo consideram que as novas propostas aparecem quando os padrões tradicionais e os caminhos lineares são abandonados e novas possibilidades são colocadas em jogo.

O *Atlas de Cidades Novas* traz justamente essa possibilidade. E mais: porta-se como um modelo replicável, adaptável, passível de ser utilizado por qualquer estudo similar. Um caminho por absorver da sucessão dos acontecimentos (fatos) às imagens (dados) a serem pensadas por atlas e compartilhadas em plataformas digitais. Um processo randômico, sem começo, meio ou fim, definidos ou estipulados, com possibilidades exponenciais de arranjos para se contar a história de cidades novas ou de qualquer outro objeto de interesse. Um meio de gerir e disponibilizar conhecimento, apurado pelo entrechoque de nebulosas. Conhecimento somado a outras formas vaporosas que possam surgir (PEREIRA, 2014).

Ao questionar o atlas tradicional como um material exploratório limitado, constituído por dados selecionados *a priori* por seus elaboradores, o novo atlas apresenta-se como um instrumento de análise, percepção, troca e formulação epistemológica. Trata-se de um atlas em que os mais distintos arranjos – ou “nebulosas” – façam-se capturados, decifrados, associados e registrados. Nesse sentido, pensar e fazer por atlas, mais que uma relação unidirecional, estabelece uma interação pela qual o leitor assume o papel de criador, de protagonista na geração de novos olhares, novas narrativas sobre determinado objeto.

Ou seja, pensar e fazer por atlas constituem, portanto, a construção, a preservação e a difusão da informação – ações consubstanciadas pela pesquisa acadêmica e por um método analítico alternativo. Um processo em constante realização e, por conseguinte, inacabado, que visa à ampliação das memórias, das tecituras, do conhecimento. Um saber-fazer a ser praticado de modo coletivo (pesquisadores) e colaborativo (internautas) e, com isso, um modo de estreitar, pelas tecnologias da informação e pela comunicação *online*, os laços entre academia e sociedade.

## Referencias

BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia**: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BURUCÚA, J. E.; KWIATKOWSKI, N. Aby Warburg, historiador del arte y científico de la cultura. In: BURUCÚA, J. E. et al. **Ninfas, serpientes, constelaciones : la teoría artística de Aby Warburg**. Buenos Aires: Museo Nacional de Bellas Artes / Ministerio de Educación, Cultura, Ciencia y Tecnología / Secretaría de Gobierno de Cultura, 2019.

CALVINO, I. **Le città invisibili**. Torino: Giulio Einaudi, 1972.

CASTRO, C. de M. Memórias de um orientador de tese. In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 307-326.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0**. 5ª Edição. Editora Positivo, CD-ROM, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas ou a Gaia ciência inquieta**: o olho da história, 3. Trad. Renata Correio Botelho e Rui Pires Cabral. Lisboa: KKYM/EAUM, 2013.

- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante do Tempo**: história da arte e anacronismos das imagens. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Atlas. ¿Cómo llevar el mundo as cuestas?** [2010]. Disponível em: <http://www.museoreinasofia.es/publicaciones/atlas-como-llevar-mundo-cuestas>. Acesso em: 11 dez. 2016.
- DIVORNE, F., GENDRE, B., LAVERGNE, B., PANERAI, P. **Essai sur la régularité**: Les bastides d'Aquitaine, du Bas-Languedoc et du Béarn. Bruxelles: Éd. des Archives d'Architecture Moderne, 1985.
- ELBOROUGH, T; HORSFIELD, A. **Atlas of improbable places: A journey to the world's most unusual corners**. London: Aurum Press, 2016.
- GIL, T. L.; BARLETA, L. B (Coord.). **Atlas histórico da América Lusa**. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2016.
- JACQUES, P. B. **Montagem de uma outra herança**: urbanismo, memória e alteridade. Tese acadêmica (Defesa para Professor Titular). Salvador: FAUFBA, 2018a.
- JACQUES, P. B. Pensar por Montagens. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I - modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018b. p. 206-234.
- JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I - modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018.
- JOHNSON, C. D. **Memory, Metaphor, and Aby Warburg's Atlas of Images**. Ithaca: Cornell University Press, 2012.
- KNOX, P. (Org.). **Atlas das cidades**. São Paulo: Ed. SENAC, 2016.
- MORINI, M. **Atlante di Storia dell'Urbanistica**: dalla preistoria all'inizio del secolo XX. Milano: Editore Ulrico Hoepli, 1963.
- MUSEU NACIONAL CENTRO DE ARTE REINA SOFÍA. ATLAS. Entrevista com Georges Didi-Huberman. **Youtube**, [S.l.], 21 dez. 2010. Disponível em: . Acesso em: 11 dez. 2016.
- NEW ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. 15th. Chicago: Encyclopædia Britannica Inc., 1985. v. 1.
- PEREIRA, M. S. O rumor das narrativas: a história da arquitetura e do urbanismo do século XX no Brasil como problema historiográfico – notas para uma avaliação. **REDOBRA**. Salvador, n. 13, ano 5, 2014, p. 201-247.
- REIS FILHO, N. G. **Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial**. São Paulo: CNPq / FAPESP / IPHAN, 2000.
- SOLNIT, R.; JELLY-SCHAPIRO, J. (Ed.). **Nonstop Metropolis**: a New York City Atlas. Oakland: University of California Press, 2016.
- TOCQUEVILLE, A. **Atlas of lost cities**: A travel guide to Abandoned and Forsaken Destinations. New York: Black Dog & Leventhal Publishers, 2016.
- TREVISAN, R. **Incorporação do ideário da Garden-City inglesa na urbanística moderna brasileira**: Águas de São Pedro. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2003.
- TREVISAN, R. **Cidades novas**. 2009. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.
- TREVISAN, R. Pensar por atlas. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: tomo I - modos de pensar**. Salvador: EDUFBA, 2018; p. 46-69.
- TREVISAN, R. et al. Fazer por atlas: Cidades novas. In: JACQUES, P. B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico: Tomo II - modos de fazer**. Salvador: EDUFBA, 2019; p. 152-223.

**1** A plataforma digital *Atlas de Cidades Novas* encontra-se em desenvolvimento, momentaneamente indisponível ao acesso público.

**2** O conceito de "Cidade Nova", particularmente desenvolvido por Trevisan (2009), constitui-se de núcleos urbanos: 1) empreendidos pelo desejo do poder público e/ou da iniciativa privada e concretizados em ações específicas; 2) que buscam atender, ao menos de início, a uma ou mais *funções dominantes*; 3) implantados num *sítio* previamente escolhido; 4) a partir de um *projeto* urbanístico; 5) elaborados e/ou desenvolvidos por agente definido – eventualmente *profissional* habilitado; e 6) em um *limite temporal* determinado, implicando inclusive um momento de fundação razoavelmente preciso. Esses são seis atributos que definem o *DNA* de uma cidade nova, utilizados para identificar os exemplares produzidos ao longo dos tempos.

**3** Abraham Moritz Warburg nasceu em Hamburgo, na Alemanha, aos 13 de junho de 1866, numa família de banqueiros. Coursou História da Arte, das Religiões e da Cultura na Universidade de Bonn (1886-1888) e aprofundou seus estudos nas cidades de Florença (1888-1889) e de Estrasburgo (1888-1891). Em 1895, realizou ressonante viagem aos EUA, quando teve contato com a etnografia Hopi. Casou-se em 1897, com Mary Hertz. Entre 1908 e 1914, ganhou o reconhecimento entre os historiadores da arte e o apoio de Fritz Saxl. A Primeira Guerra Mundial trouxe um impacto emocional a Warburg, levando-o a um colapso mental nos anos pós-guerra. Em 1922, a historiadora Gertrud Bing se juntou à equipe e, na companhia de Saxl, auxiliou Warburg no grande projeto Mnemosyne (1927-1929; inacabado). Aby Warburg faleceu a 26 de outubro de 1929, em sua cidade natal, com 63 anos de idade (BURUCÚA; KWIATKOWSKI, 2019).

**4** No original: "La distancia puede ser entendida en un sentido espacial – nos alejamos de un objeto para verlo, describirlo y representarlo mejor– o en un sentido temporal –el que nos otorgan la memoria, a menudo imprecisa o contradictoria, y el análisis y juicio científico de la historia. Los seres humanos hemos establecido varios umbrales de distancia a lo largo de nuestra evolución. El más amplio corresponde a la tecnología y la ciencia modernas. El más estrecho, a la magia. Entre ambos, se ubicarían las religiones y los saberes analógicos. Nuestros antepasados del Paleolítico crearon tanto el umbral tecnológico cuanto el mágico. El primero los llevó a fabricar el arco y la flecha, a criar animales y, por último, a cultivar la tierra. El segundo les garantizó la recuperación del equilibrio psíquico y social al enfrentar la muerte y la calamidad. En este punto concerniente al fin de la vida, los modernos hemos conservado el umbral de lo mágico en una mínima expresión, necesaria y reparadora. Lo paradójico es que, en el estado actual de nuestra tecnología de las comunicaciones y la inmediatez, corremos el riesgo de que toda distancia entre el mundo y nosotros sea abolida. Ignoramos en qué podríamos transformarnos ante ese fenómeno."

**5** A presente pesquisa insere-se nos trabalhos realizados pelo grupo Cronologia do Pensamento Urbanístico, que envolve a participação de pesquisadores da UFBA, UFRJ, UnB, UFMG, Unicamp, UNEB, UFRGS e USP. Para maiores detalhes, acessar: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/>.

**6** Práxis sucessiva na história do urbanismo, a tipologia Cidade Nova – composta por núcleos urbanos intencionalmente criados – pode ser rastreada na longa duração como campo de leitura e interpretação de pensamentos, trajetórias, discursos e representações de cidades materializadas no espaço e no tempo, como casos de continuidade, ruptura ou excepcionalidade e em conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais diversas.

**7** Algoritmo: "Processo de cálculo, ou de resolução de um grupo de problemas semelhantes, em que se estipulam, com **generalidade e sem restrições**, regras formais para a obtenção do resultado, ou da solução do problema". (DICIONÁRIO AURÉLIO, CD-Rom, grifo nosso)